

LITERARTES, n.5, 2016 – resenha – Ricardo Filho

## A MONTANHA DA ÁGUA LILÁS: FÁBULA PARA TODAS AS IDADES

## A MONTANHA DA ÁGUA LILÁS: FÁBULA PARA TODAS AS IDADES

## A MONTANHA DA ÁGUA LILÁS: FÁBULA PARA TODAS AS IDADES

Ricardo Filho <sup>1</sup>

**RESENHA:** PEPETELA. A Montanha da Água Lilás: fábula para todas as idades. Ilustrações: Mauricio Negro. Prefácio e notas: Benjamin Abdala Junior. São Paulo: FTD, 2013.

**RESUMO:** (Resenha) PEPETELA. A Montanha da Água Lilás: fábula para todas as idades. Ilustrações: Mauricio Negro. Prefácio e notas: Benjamin Abdala Junior. São Paulo: FTD, 2013.

**ABSTRACT:** (Review) PEPETELA. A Montanha da Água Lilás: fábula para todas as idades. Illustration: Mauricio Negro. Foreword and notes: Benjamin Abdala Junior. São Paulo: FTD, 2013.

**RESUMEN:** (Reseña) PEPETELA. A Montanha da Água Lilás: fábula para todas as idades. Ilustraciones: Mauricio Negro. Prefacio y notas: Benjamin Abdala Junior. São Paulo: FTD, 2013.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pepetela, Mauricio Negro, Literatura Africana.

---

1      Escritor, mestre e doutorando em Letras pela USP. Membro do Grupo de Estudos PLCCJ Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens da Universidade de São Paulo

**KEYWORDS:** Pepetela, Mauricio Negro, African Literature.

**PALABRAS CLAVE:** Pepetela, Mauricio Negro, Literatura Africana.

Em *A montanha da água lilás*, obra de Pepetela anunciada como fábula para todas as idades, há um alerta no início, logo na apresentação: “Eu só escrevi aquilo que o avô nos contou, não inventei nada.” O autor procura, de cara, lembrar-nos de que está na oralidade a origem das histórias, escritas assim com “e”, como parecem preferir os escritores de Angola. Tal diferenciação perdemos no Brasil, embora em algum momento parecêsemos querer adotá-la. A maioria daqui continua a escrever mesmo história quando fala de histórias.

O texto é apresentado com roupagem que agrada aos leitores de menor idade - embora seja contado para todas as idades - e o jovem sentirá falta de encontrar a imagem de um lupi. O ilustrador Mauricio Negro não nos mostra a sua versão dos estranhos viventes da montanha que nasciam cambutinhas (baixinhos), dormiam em cubatas (cabanas), comiam os frutos das árvores, eram peludinhos menos na cara, nariz gordo, batatudo, e bochechas redondas de tocadores de trombone. Talvez tenha preferido deixar que os imaginássemos. Mais tarde esses animais desenvolviam-se e podiam ser: cambutinhas mesmo, os lupi, ou ficarem maiores, os lupões. Lupi por cantarem “lupi-lupi-lupi” quando ficavam contentes ou muito zangados. Tanto os lupi, quanto os lupões, lupilavam nestas situações. Os menores aprendiam mais rápido, eram mais vivos, inventavam coisas e histórias, canções e danças, eram curiosos, faziam perguntas. Os maiores eram mais lentos, não inventavam frequentemente, trabalhavam muito e eram sérios, excelentes nos cálculos. Os professores, cantores e inventores eram sempre cambutinhas. Mais tarde surgiu uma terceira diferenciação: os jacalupi. Muito maiores e violentos, não aprendiam quase nada, passando o tempo todo a jacarejar com as bocas abertas, daí o nome. Praticamente incapazes de arrumar comida por conta própria, dependiam dos outros para sobreviverem.

O livro começa quando a sociedade dos lupi é ameaçada pelos rinocerontes que invadiram suas terras. Eles se unem, conversam, planejam e conse-

guem, pela força do esforço conjunto, expulsar os invasores. Tudo acontece quase de passagem na totalidade do texto, mas já há aí a primeira lição de Pepetela, este escritor engajado politicamente, sempre preocupado em fazer análises via observação do comportamento coletivo.

Mas os lupi não permanecem unidos o tempo todo. Quando uma fonte de água lilás surge na montanha, a sociedade é profundamente afetada pela descoberta casual, e não voltaria a ser a mesma. A água tem perfume característico e agradável, efeito curador, já que livra os lupi das escaras provocadas por carrapatos, praga que incomoda demais os estranhos animais. Se colocada nas fogueiras possibilita luz mais forte, clara e duradoura.

Começa uma febre semelhante à corrida do ouro acontecida no passado entre nós, ou algo muito parecido com a atual exploração do petróleo. Os lupi dividem-se, surgem interesses comerciais e políticos nascidos das trocas feitas com outros animais, espécie de venda dos direitos dos bichos banharem-se em lagos de água lilás construídos artificialmente. Todos desejam possuir aquela maravilha. A força da coerção física e armada aparece como determinante das decisões tomadas, já que surge um ditador jacalupi. As acomodações vão sendo feitas, com boa parte da população lupi vivendo oprimida, a riqueza aumentando em função da posse do líquido e com ela o uso do supérfluo e a moda, com os lupi macaqueando os mesmos trejeitos da nossa sociedade dos humanos, encantada com marcas, objetos desnecessários que dão incompreensível status aos seus usuários, produtos ditados por interesses mercantilistas. Os recursos da água lilás, usados de maneira irresponsável e irracional, sem a menor preocupação com preservação ou fonte alternativa, acabam por se extinguir. A fonte seca, furam toda montanha e não encontram mais o precioso líquido. Apenas o lupi pensador e o lupi poeta, que não se venderam à febre da água lilás e haviam se refugiado no alto das árvores, fazendo suas críticas, mantendo-se distantes e coerentes, rejeitando aquele modelo estranho e cruel de vida, mantêm a sua dignidade. O discurso deles, se bem ouvido, dá aos leitores oportunidade de refletir a respeito do que ocorreu, oferece oportunidade de reflexão. Metaforicamente nos aproxima dos problemas cotidianos que enfrentamos em nossa sociedade capitalista.

A pergunta que devemos fazer é sobre a oportunidade de oferecermos esta leitura tão didática aos jovens leitores. Ellen Key (1849-1926), escritora sueca afirmou que deveria haver liberdade total para a criança na ficção, livros sem quaisquer restrições temáticas. Para Anton S. Makarenko, educador ucraniano (1888-1939), o livro para crianças teria que ter um objetivo tanto educativo quanto humanista. Esta obra de Pepetela é pródiga nas duas coisas. Educa, desperta visão humanista ao instigar olhar mais crítico sobre a sociedade. Se Monteiro Lobato desejou um dia fazer livros onde as crianças pudessem morar, e Alceu Amoroso Lima, com razão, afirmou ser a literatura infantil primeiramente um meio de divertir as crianças, concluindo que a leitura é o mais movimentado, o mais variado, o mais engraçado dos brinquedos, parece termos aqui prato para todos os gostos. *A montanha da água lilás* trata com liberdade assunto importante, educa, humaniza, diverte.